# O SONHO E Historia

O SONHO  
O relato do sonho pode ser extraído diretamente das palavras do paciente, que  
após um período de vários tratamentos em diversas vertentes, acaba por publicar  
sua história, levando à público sua identidade e vivendo de certo modo da  
notoriedade do “personagem” que restou por criar.  
“Sonhei que era noite e que eu estava deitado na cama. (Meu leito tem o pé da  
cama voltado para a janela: em frente da janela havia uma fileira de velhas  
nogueiras. Sei que era inverno quando tive o sonho, e de noite.) De repente, a  
janela abriu-se sozinha e fiquei aterrorizado ao ver que alguns lobos brancos  
estavam sentados na grande nogueira em frente da janela. Havia seis ou sete  
deles. Os lobos eram muito brancos e pareciam-se mais com raposas ou cães  
pastores, pois tinham caudas grandes, como as raposas, e orelhas empinadas,  
como cães quando prestam atenção a algo. Com grande terror, evidentemente de  
ser comido pelos lobos, gritei e acordei. Minha babá correu até minha cama, para  
ver o que me havia acontecido. Levou muito tempo até que me convencesse de  
que fora apenas um sonho; tivera uma imagem tão clara e vívida da janela a abrirse e dos lobos sentados na árvore. Por fim acalmei-me, senti-me como se  
houvesse escapado de algum perigo e voltei a dormir. A única ação no sonho foi à  
abertura da janela, pois os lobos estavam sentados muito quietos e sem fazer  
nenhum movimento sobre os ramos da árvore, à direta e à esquerda dotronco, e  
olhavam para mim. Era como se tivessem fixado toda a atenção sobre mim. —  
Acho que foi meu primeiro sonho de ansiedade. Tinha três, quatro, ou, no máximo,  
cinco anos de idade na ocasião. Desde então, até contar onze ou doze anos,  
sempre tive medo de ver algo terrível em meus sonhos”.  
O paciente inclusive acrescentou um desenho que confirmava exatamente a  
descrição do que surgiu em seus sonhos, imagem esta que se tornou emblemática  
nos vários estudos sobre o tema que se desenvolveram e se desenvolvem até  
hoje.  
O primeiro sinal de evidência do interesse de Freud pelo caso surge exatamente  
ai, no outono de 1912, onde ele se mostra claramente estimulado pelo sonho do  
paciente, sendo que a interpretação do sonho em questão passa a ser o centro do  
caso clínico. O próprio Freud deixa isso bem claro, quando afirma:  
“Ficaria satisfeito se todos os meus colegas que se preparam para ser analistas  
coligissem e analisassem cuidadosamente quaisquer sonhos de seus pacientes  
cuja interpretação justifique a conclusão de que aqueles que os tiveram tenham  
sido testemunhas de um ato sexual nos primeiros anos de vida. Uma sugestão é  
sem dúvida suficiente para tornar evidente que tais sonhos são de um valor muito  
especial, em mais de um aspecto. Apenas esses sonhos podem, é claro, ser  
considerados como indicativos de que ocorreram na infância, e são lembrados a  
partir desse período”.  
A princípio indaga-se o porquê dos lobos serembrancos. Lembra-se que quando  
era pequeno, o paciente costumava ir com o pai, ver as ovelhas que viviam  
próximas à vizinhança, e isso o deixava extremamente feliz. Porém, o fato das  
  
ovelhas foi marcante, porque houve um período em que ocorreu uma epidemia  
entre as ovelhas, resultando assim na morte das mesmas, mesmo depois da  
aplicação de medicamentos nelas.  
O fato de os lobos estarem em cima da árvore, deve-se ao fato de que quando era  
pequeno, ele havia ouvido seu avô contar-lhe uma historia sobre um homem, que  
havia sido atacado por um lobo, que entrara pela janela de seu quarto. Na tentativa  
de se defender do lobo, ele corta o rabo do mesmo com um bastão. Porém, certo  
dia, enquanto caminhava pela floresta, avistou uma alcateia de lobos. Estes o  
viram e foram atacá-lo, porém, o homem correu e subiu em uma árvore a fim de  
defender-se dos lobos. Aquele que havia perdido a cauda resolve criar uma  
estratégia, e assim, começam a formar uma torre que chegasse até o homem, que  
estava na árvore. Porém o homem se safou após gritar que se apanhasse o lobo  
sem cauda e assim este correu com medo. Daí considerou-se a fonte da questão  
dos lobos na árvore.  
O número sete, correspondente à quantidade de lobos na árvore, foi um pouco  
mais complicado de se chegar a um veredito. Porém, o paciente havia relato ter  
ouvido a história da chapeuzinho vermelho, mas nessa história não havia o  
número sete. Já na história do lobo e os sete cabritinhoshá, e por isso, esta deve  
ter sido a fonte de tal conteúdo. A cor branca também aparece nessa história, uma  
vez que o lobo utiliza o branco para disfarçar a cor cinzenta de suas patas. Nas  
duas histórias o lobo perece, há presença de árvore e do ato de comer.  
Tudo aqui mostra uma relação com um trauma, no caso, da foto do lobo que a  
irmã costumava utilizar contra ele, a fim de fazê-lo ficar quieto.  
Visto o paciente ter um certo medo de seu pai, este último pode ter sido  
representado no sonho como sendo o lobo. E o fato de ele estar correndo o risco  
de ser atacado pelo lobo, também pode ter uma certa relação com brincadeiras, ou  
“ameaças” afetuosas feitas pelo pai, tais como vou te morder, te engolir, etc.  
Porém, numa questão geral, o que mais chamava a atenção do paciente, era o  
fato dos lobos ficarem muito quietos e atentos a ele. E isso contribuiu bastante  
para aumentar a sensação de realidade do sonho.  
Para que um sonho permaneça ou tenha um sentido real para nós, ele deve ter  
alguma relação com o conteúdo presente na nossa memória. No caso do homem  
dos lobos, nota-se que de certo modo as histórias que foram contadas a ele,  
quando ainda era criança, tiveram uma importância, ou seu conteúdo teve algum  
efeito sobre ele.  
Posteriormente, o paciente contou outros detalhes sobre o sonho, que levou Freud  
a analisar, por exemplo, o aspecto dos lobos estarem com um olhar atento,  
podendo significar na verdade poderia ser elemesmo quem estivesse olhando  
atento. E o fato das janelas se abrirem repentinamente, poderia na verdade ser os  
olhos dele abrindo repentinamente, ou seja, ele acordou repentinamente e viu na  
frente dele uma cena de movimento violento, para qual olhou tenso e atentamente.  
No primeiro caso a distorção consistiria num intercambio de sujeito e objeto, de  
atividade e passividade: ser olhado em vez de olhar. No outro caso consistiria em  
transformação no oposto; imobilidade no lugar de movimento.  
Um outro dado, foi possível estabelecer a data do sonho, a árvore era uma árvore  
de natal, teve o sonho um pouco antes do natal que também era a data do seu  
  
aniversário, foi imediatamente antes do seu quarto ano, lhe trazendo expectativa e  
ansiedade indo dormir com a expectativa que o dia daria a quantidade dupla de  
presentes. A criança antecipa o natal e vê seus presentes pendurados na árvore,  
mas ao invés de presentes transformam-se em lobos. O sonho termina com ele  
dominado pelo medo de ser comido pelo lobo e fugindo para ser acolhido pelos  
braços da babá. Dos desejos envolvido o mais poderoso deve ter sido o de  
satisfação sexual que aspirava obter do pai. A repressão do impulso mediante o  
desejo e consequentemente uma fuga do pai para os braços menos perigosos.  
Além dessas questões acerca do sonho Freud pede para que os leitores levem em  
consideração a cena primária do pai ereto e a mãe encurvada no momento do  
coito como umanimal. Olhando para a ilustração da história “o lobo e os sete  
cabritinhos” achou que a postura do lobo na ilustração poderia ter lhe recordado o  
pai na cena primaria. O lobo do qual tinha medo sem duvida era o pai, mas o medo  
do lobo era condicionado pelo fato de a criatura estar numa posição ereta.  
As etapas na transformação do material, cena primária, história do lobo, conto dos  
sete cabritinhos reflete o progresso dos pensamentos do sonhador durante a  
construção do sonho, desejo de obter do pai satisfação sexual, a compreensão de  
que a castração era uma condição necessária para isso, medo do pai. Somente  
neste ponto podemos considerar o sonho de ansiedade desse menino de quatro  
anos estando exaustivamente explicado.  
Freud deflagra seu entendimento sobre todo o quadro do “homem dos lobos” a  
partir da imagem resgatada de uma cópula entre os pais, em circunstâncias  
consideradas inabituais e que favoreciam particularmente a observação.  
Teria então o pequeno homem dos lobos uma idade que foi estabelecida em  
aproximadamente um ano e meio. Na época estava sofrendo de malária e tinha  
um ataque todos os dias a um determinado período do dia, em geral por volta das  
cinco horas. Freud acreditava que era provável que justamente por causa dessa  
doença ele estivesse no quarto dos pais. Como era período de verão e  
considerando-se que ele nascera no dia de Natal, presumir que sua idade fosse  
não mais do que 18 meses.  
Estaria então eledormindo no seu berço, no quarto dos pais, e acordou, talvez por  
causa da febre que subia, à tarde, possivelmente às cinco horas, um horário que  
anos mais tarde seria marcado como o ponto culminante de sua depressão.  
Freud acreditava que, quando o menino acordou, presenciou um coito a tergo [por  
trás], repetido três vezes e de sua posição privilegiada no quarto, podia ver os  
genitais da mãe, bem como o órgão do pai; e compreendeu o processo, assim  
como o seu significado.  
A postura em que viu seus pais adotarem durante a relação poderia ter sido  
vivificada em sua memória posteriormente pela semelhança que guardava com a  
submissão animal? — o homem ereto e a mulher curvada, como um animal. Já  
sabemos que durante seu período de ansiedade, a irmã costumava aterrorizá-lo  
com uma figura de um livro de contos infantis, na qual o lobo era mostrado em  
posição vertical, com os pés em posição de movimento, as garras a descoberto e  
as orelhas em pé. Durante o tratamento, ele se dedicou com perseverança  
incansável à tarefa de vasculhar os sebos até encontrar o livro ilustrado da sua  
infância, reconhecendo o seu mau espírito numa ilustração da história de ‘O Lobo  
  
e os Sete Cabritinhos’. Talvez até mesmo isto explicasse a quantidade de lobos na  
árvore, que ele jamais soube precisar se eram seis ou sete.  
Possivelmente, ele achou que a postura do lobo nessa gravura poderia ter-lhe feito  
recordar a postura adotada pelo pai no coito a tergoobjeto da cena primária. Em  
todo caso, a ilustração tornou-se o ponto de partida para suas manifestações  
posteriores da ansiedade.  
As etapas na transformação do material; cena primária — história do lobo — conto  
dos ‘Sete Cabritinhos’, refletem o progresso dos pensamentos do paciente durante  
a construção do sonho: A representação do fato pode ser tida da seguinte  
maneira:  
Desejo de obter do pai satisfação sexual.  
Compreensão de que a castração era uma condição necessária para isso —  
Medo do pai.  
O homem dos Lobos desenvolve por volta dos quatro anos uma profunda  
ansiedade, possivelmente um repúdio do desejo de obter do pai satisfação sexual  
— tendência à qual se deve a formação do sonho na sua cabeça. A forma  
assumida pela ansiedade, o medo de ‘ser devorado pelo lobo’, era apenas a  
transposição (como saberemos, regressiva) do desejo de copular com o pai, isto é,  
de obter satisfação sexual do mesmo modo que sua mãe. Seu último objetivo  
sexual, a atitude passiva em relação ao pai, sucumbiu à repressão, e em seu lugar  
apareceu o medo ao pai, sob a forma de uma fobia ao lobo.  
Desde a sedução, seu objeto sexual havia sido passivo, de ser tocado nos  
genitais; mas transformou-se, então, por regressão ao estado mais primitivo da  
organização anal-sádica, no propósito masoquista de ser espancado ou castigado.  
Para ele era indiferente a questão de atingir esse objetivo com um homem ou com  
uma mulher. Descobriu a vagina e osignificado biológico de masculino e feminino.  
Compreendia agora que ativo era o mesmo que masculino, ao passo que passivo  
era o mesmo que feminino. Seu objetivo sexual passivo deve ter sido então,  
transformado em feminino, expressando-se como ‘ser copulado pelo pai’, em vez  
de ‘ser por ele espancado nos genitais ou no traseiro’. Esse objetivo feminino, no  
entanto, sujeitou-se à repressão e foi obrigado a deixar-se substituir pelo medo do  
lobo.  
Para apreciação adequada da fobia aos lobos, acrescentaremos apenas que tanto  
o pai como a mãe transformando-se em lobos. Sua mãe assumiu o papel do lobo  
castrado, que deixava os outros subirem sobre ele; o pai assumiu o papel do lobo  
que subia. Entretanto, seu medo, conforme o ouvimos assegurar-nos, relacionavase apenas com o lobo ereto, isto é, com seu pai. Ademais, deve-nos surpreender o  
fato de que o medo com o qual o sonho terminava tivesse um modelo na história  
do avô. Porque nesta, o lobo castrado, que deixara os outros treparem em cima,  
dele, tomava-se de medo tão logo era lembrado do fato da sua falta de cauda.  
Portanto, parece que ele se identificou com a mãe castrada durante o sonho, e  
agora lutava contra esse fato. Resumindo, um claro protesto da parte da sua  
masculinidade!  
Para refletirmos no complexo de castração precisamos nos apoiar no pensamento  
inicial, a neurose obsessiva com base numa constituição anal sádica. O sadismo  
do paciente e suas transformações e o que dizrespeito ao erotismo anal. Freud  
  
relaciona o interesse pelo dinheiro ao prazer excretório. Seu paciente na época da  
sua enfermidade adulta ficara muito rico graças à herança do pai e do tio. Sua  
perturbação intestinal estava ligada a sua neurose infantil que representava o  
pequeno traço característico da histeria que se encontra regularmente na raiz de  
uma neurose obsessiva. Quando ainda criança com quatro anos e meio durante o  
dia numa crise de ansiedade sujou as calças, no momento disse “não posso  
continuar a viver desse jeito” estava repetindo a fala de sua mãe que a  
pronunciava nas suas idas ao médico reclamando de suas dores e hemorragias,  
esse lamento ele repetiu inúmeras ocasiões durante a doença posterior. Tinha  
significado de identificação com a mãe.  
Com a ansiedade causada pelo sonho, fruto da cena primária chegou a conclusão  
de que sua mãe estava doente pelo que seu pai fez a ela, o medo de estar doente  
era sua recusa de identificar-se com ela nesta cena sexual. Mas o medo era  
também uma prova de que na sua elaboração da cena primária se colocou no  
lugar da mãe e invejara essa relação com o pai. O órgão pelo qual sua  
identificação com as mulheres, sua atitude homossexual com os homens, estava  
apta a expressar-se, era a zona anal.  
Presumindo então que no processo do sonho o menino, compreendeu que as  
mulheres são castradas, que em vez do órgão masculino ela tem uma ferida que  
serve para as relações sexuais eque essa castração é a condição necessária para  
feminilidade, fomos levados a supor que a ameaça dessa perda induziu-o a  
reprimir a sua atitude feminina em relação aos homens e que ele despertou do seu  
entusiasmo homossexual em estado de ansiedade.  
A criança interrompeu finalmente a relação dos pais fazendo cocô, o que lhe deu  
uma desculpa para gritar. O fato de que o nosso menino evacuou como sinal de  
sua excitação sexual, deve ser considerado como uma característica da sua  
constituição sexual congênita, assumindo uma identificação com as mulheres do  
que com os homens.  
Num estágio posterior ao desenvolvimento sexual, as fezes adquirem o significado  
de um bebê. Pois os bebês como as fezes nascem através do ânus. O significado  
de dádiva das fezes admite prontamente essa transformação. Quando mais tarde  
chego a descrever sintomas do meu paciente, o modo pela qual a perturbação  
intestinal se colocara a serviço da corrente homossexual e dera expressão a sua  
atitude feminina em relação a seu pai, torna-se mais uma vez evidente. Entretanto  
mencionaremos outro significado que nos levará a uma exposição do complexo de  
castração.  
Inicialmente nosso paciente rejeitava a castração e se apegava a sua teoria de  
relação sexual pelo ânus. O significado da frase é ele não teria nada a ver com a  
castração, no sentido de havê-la reprimido. Tal atitude, no entanto, pode não ter  
sido a atitude final, mesmo na época da sua neurose infantil.Encontramos uma  
subsequente, evidência nítida de que tenha reconhecido a castração como um  
fato. Conquanto as ameaças ou sugestões de castração com que se deparou  
tenham emanado de mulheres, esse fato não poderia retardar em muito o  
resultado final. Apesar de tudo foi de seu pai que ele veio a temer, afinal, a  
castração. Nesse aspecto a herança triunfou sobre a experiência acidental; na préhistória do homem, era indubitavelmente o pai que praticava a castração como um  
  
castigo, e que o suavizou, depois na circuncisão. Quanto mais o paciente  
avançava na repressão a sensualidade durante o desenvolvimento da neurose  
obsessiva, tanto mais natural se deve ter tornado para ele atribuir essas más  
intenções a seu pai, que era o verdadeiro representante da atividade sensual.  
A identificação que fez de seu pai com o castrador, tornou-se importante como  
sendo a fonte de uma intensa hostilidade inconsciente contra ele e de um  
sentimento de culpa que reagia contra essa hostilidade. Então de repente, em  
conexão com um sonho, a analise emergiu outra vez no período pré- histórico e  
induziu-o a afirmar que durante a cópula, na cena primária, ele observará o pênis  
desaparecer, que sentira pena do pai por causa disso e que se alegrara com o  
reaparecimento daquilo que achara que estava perdido. Ali estava por tanto, um  
impulso emocional recente, partindo uma vez mais da cena primária.  
Segundo Freud, são as perguntas pueris sobre a origem dosbebes que servem de  
ponto de partida para a investigação sexual das crianças, dando origem a suas  
teorias sobre a sexualidade.  
Através das respostas por ela adquiridas, a criança vai montando pela  
confrontação de informações suas próprias teorias, atribuindo a todas as pessoas  
um pênis, por exemplo, ou imaginando que um bebê possa ser evacuado pelo  
ânus, criando uma concepção sádica do coito.  
Freud acreditava firmemente que era a construção destas teorias que fomentava a  
constituição das neuroses e seus sintomas; é com fundamento nestas discussões  
e nos conflitos subsequentes que a criança demonstra uma “predileção pulsional”,  
opondo-se a teoria sustentada pelos adultos e deflagrando o conflito entre o saber  
do corpo e o saber do Outro, fazendo eclodir uma sexualidade com característica  
traumática havida pela ruptura psíquica que constitui o cerne da neurose.  
Assim, o material do qual é constituída a neurose, certamente pode ser definido  
como aquele ligado a satisfação própria da vida sexual infantil, que  
fragmentadamente tem estrutura ficcional sobrepondo-se a organização libidinal da  
criança, ligando-se a sua pulsão na medida em que esta se interrelaciona entre a  
sexualidade e o seu psiquismo.  
A criança, então futuro neurótico, vai inventando um saber e dele constituindo a  
sua neurose, através de seu saber fragmentário e inconsciente, próprio da sua  
recuperação do outro.  
O tratamento durou inicial durou de fevereirode 1910 a julho de 1914. O paciente  
voltou a Viena na primavera de 1919, e Freud tratou-o novamente de novembro de  
1919 a fevereiro de 1920, Freud relata que após esse segundo tratamento o  
paciente continuou a morar em Viena e de modo geral conservou a sanidade  
embora com interrupções ocasionais, esses episódios foram Tratados pelos seus  
discípulos, a Dra Ruth Mack Brunswick, ela própria informou detalhes do  
tratamento que durou de outubro de 1926 á fevereiro de 1927. Depois houve um  
breve relato do paciente em 1940. É um relato posterior falando das dificuldades  
que o paciente enfrentou depois da segunda guerra mundial, e a sua reação a  
essas  
  
dificuldades, depois o paciente fez a sua autobiografia intitulada The Wolf Man and  
Sigmund Freud (1971) editado pela Muriel Gardiner.  
Termos Psicanalíticos  
Neurose Obsessiva: Tem como origem um conflito psíquico infantil e uma etiologia  
sexual caracterizada por uma fixação da libido no estádio anal. No plano clínico  
manifesta-se através de ritos conjuratórios de tipo religioso, sintomas obsedantes e  
uma ruminação mental permanente, na qual intervêm dúvidas e escrúpulos que  
inibem o pensamento e a ação.  
A partir dos quatros anos de idade a mãe do Homem dos Lobos começa a contar  
história da bíblia com esperança de distraí-lo e animá-lo, que foi extremamente  
bem sucedida, porém seus sintomas de ansiedade foram substituídos por  
sintomas obsessivos. Precedida por uma fase em que tinhareceio de dormir, por  
medo de pesadelos, sentia-se agora obrigado a beijar todas as imagens sagrada  
que havia no quarto, a dizer orações e a fazer incontáveis vezes o sinal da cruz,  
em sim mesmo e sobre a sua cama antes de dormir.  
Cena originária ou cena primária: Cena de relação sexual entre os pais, observada  
ou suposta segundo determinados índices e fantasiada pela criança, que é  
geralmente interpretada por ela como um ato de violência por parte do pai.  
O menino dos lobos estava doente, nesse período estava dormindo no quarto dos  
pais; quando  
estava no berço ele acordou e presenciou os genitais da mãe, bem como órgão do  
pai;e possivelmente, ele achou que a postura do lobo na gravura do livro “O Lobo e  
os Sete Cabritinhos” poderia ter-lhe recordado a postura adotada pelo pai no coito  
a tergo, objeto da cena primária. Que tornou-se o ponto de partida para suas  
manifestações posteriores da ansiedade.  
Complexo de castração: o complexo é centrado na fantasia de castração na  
presença ou ausência de um pênis, colocara para criança. Essa diferença é  
atribuída á amputação do pênis na menina. A estrutura e os efeitos do complexo  
de castração são diferentes no menino e na menina. O menino teme a castração  
como a realização de uma ameaça paterna em resposta ás suas atividades  
sexuais, surgindo dai uma intensa angústia de castração. Na menina uma  
ausência de pênis é sentida como um dano sofrido que ela procura negar,  
compensar oureparar.  
No sonho a mãe assumiu o papel do lobo castrado, que deixava os outros subirem  
sobre ela; o pai assumiu o papel do lobo que subia em cima, entretanto, seu medo,  
conforme o ouvimos assegurar-nos, relacionava-se apenas com o lobo ereto, isto  
é, com seu pai.  
O medo com qual o sonho terminava tivesse um modelo na historia que o avô  
contou. Porque nesta, o lobo castrado que deixara os outros treparem em cima  
dele, tomava-se de medo e tão logo era lembrado do fato da sua falta de cauda.  
Portanto,  
parece que ele se identificou com a mãe castrada durante o sonho, e agora lutava  
contra esse fato. Resumindo, um claro protesto da parte sua masculinidade.  
Fase-sádico- anal: Freud diz que a segunda fase da evolução libidinal, pode ser  
situada aproximadamente entre dois a quatro anos; é caracterizada por uma  
organização da libido sob o primado da zona erógena anal; a relação de objeto  
está impregnada de significações ligadas a defecação ( expulsão-retenção) e ao  
valor simbólico das fezes.  
A respeito ao erotismo anal, Freud relaciona o interesse pelo dinheiro ao prazer  
excretório. Seu paciente na época da sua enfermidade adulta ficara muito rico  
graças à herança do pai e do tio. Sua perturbação intestinal estava ligada a sua  
  
neurose infantil que representava o pequeno traço característico da histeria que se  
encontra regularmente na raiz de uma neurose obsessiva. Quando ainda criança  
com quatro anos e meio, durante o dianuma crise de ansiedade sujou as calças,  
no momento disse “não posso continuar a viver desse jeito”, estava repetindo a  
fala de sua mãe que a pronunciava nas suas idas ao médico reclamando de suas  
dores e hemorragias, esse lamento ele repetiu inúmeras ocasiões durante a  
doença posterior. Tinha significado de identificação com a mãe.  
  
Apreciação Critica  
O texto que nos foi proposto, intitulado “O homem dos lobos”, parece ser muito  
mais complexo  
do que a análise que se fez dele. Apesar de Freud discorrer sobre um histórico  
completo da sua enfermidade, do tratamento, e recuperação o objetivo principal  
era falar sobre a neurose infantil. A fragmentação de material retirado no período  
da análise e também a distância do fato coloca a história na perspectiva de  
pressupostos. Uma análise de um distúrbio da infância por meio da recordação de  
um adulto intelectualmente maduro está livre de algumas limitações da criança,  
mas, é preciso que levemos em conta a distorção e a reelaboração as quais o  
passado de uma pessoa está sujeito, quando visto da perspectiva de um período  
posterior.  
A análise conduziu a origem dos sintomas até esses traumas sexuais infantis, as  
experiências sexuais passivas nos primeiros anos da infância. Freud começou  
elaborando um esquema explicativo da etiologia da neurose na relação entre a  
sexualidade e o traumatismo, a chamada teoria da sedução. A criança sofre da  
parte do adulto um assédio sexual, mas semexcitação sexual, por falta de  
condições somáticas de excitação e das representações para integrar esse fato.  
Posteriormente na puberdade, ocorre uma segunda cena que evoca a cena  
traumática da infância, deflagrando uma excitação sexual, levando o sujeito a  
recalcar a lembrança.  
Ao diferenciar o conceito de realidade psíquica do conceito de realidade material,  
atentando para o fato desta ser dirigida pelo  
Princípio do Prazer, compreende que é nesta interpretação da fantasia que o  
aparelho psíquico passará a funcionar. Utilizando-se das fantasias com o intuito de  
encobrir a atividade auto-erótica, os primeiros anos da infância, e atribuir-lhe um  
caráter mais enobrecedor. Porém, toda a fantasia tem como pano de fundo a  
representação da vida sexual que se pretende não vir à tona. A análise caminhará  
junto da fantasia como "realidade psíquica" na busca da análise de sua estrutura.  
As fantasias inconscientes participam do remanejamento do conteúdo manifesto  
do sonho, constituída pela elaboração secundária, e a inconsciente inscreve-se na  
origem da formação do sonho.  
As fantasias originárias podem ser redesenhadas neste conceito como “tesouro de  
fantasias inconscientes que a análise pode descobrir em todos os neuróticos e,  
provavelmente em todas as crianças" e são definidas também como fantasias  
originárias ou fantasias filogenéticas, numa busca da origem da história individual  
do sujeito. No caso do Homem dos Lobos, Freuddesenvolve um extenso e  
profundo tratado sobre a teoria psicanalítica abordando pontos relevantes para a  
compreensão de como os mecanismos da relação analítica atuam no processo de  
reconstrução do sujeito e de sua história psíquica.  
Maior destaque atribui-se a relevância dada por Freud ao fantasma constituído ao  
redor da cena primitiva, quer seja para a  
  
compreensão de todos os sintomas do paciente, quer seja para o desenvolvimento  
de todo o percurso analítico.  
Freud fala do veto ao dizer ao paciente sobre suas fantasias e da impossibilidade  
da abreviação do tratamento, mas pautar a analise no real significado das  
fantasias e da importância destas para o entendimento do quadro real da vida do  
paciente naquele momento de vida.  
Freud adverte quanto aos equívocos que podem ser cometidos por psicólogos  
inexperientes ou avessos a sua técnica e no que se refere à abreviação do  
tratamento quando a ciência das suas fantasias ou eventos traumáticos em se  
tratar de fantasias e dar o paciente como curado diante dessa ciência, nesse  
momento.  
O caso o Homem dos lobos foi o mais longo e como dito pelo próprio Freud  
também foi o mais complexo, posto que em virtude da necessidade de se tratar o  
paciente em dois tempos de sua vida: A criança e o Adulto seja natural a  
resistência do adulto em falar das fantasias infantis e daí a complexidade do  
tratamento.  
  
Referencia Bibliográfica:  
FREUD, Sigmund – Uma neurose infantil e outros trabalhos, Vol.XVII, Ed.Imago,  
São Paulo, 1996  
LAPLANCHE, J. – Vocabulário da Psicanálise, Martins Fontes, São Paulo, 2000.  
Roudinesco, Elizabeth e Plon, Michel - Dicionário da Psicanálise 1 edição Editora  
Zahar Ano 1998.  
  
Quem é o Homem dos lobos?  
O caso do homens dos lobos é um dos casos clássicos de Freud e já fomentou  
muitas discussões sobre os aspectos analíticos do próprio Freud e sua capacidade  
de lidar com o que o paciente trouxe ao seu setting. O caso do homem dos lobos  
foi escrito em 1914, mas foi publicado apenas em 1918 por resguardar o paciente  
e pesar de forma mais contundente se o relato seria proveitoso para o avanço da  
psicanálise. Não discutiremos, no presente trabalho, as direções tomadas por  
Freud em sua análise com o homem dos lobos, mas traremos dos apontamentos  
feitos pelo criador da Psicanálise reflexões e questionamentos importantes sobre a  
perspectiva do fazer clínico, quanto se guiado pela lógica do inconsciente, da  
emersão do sintoma como uma mensagem a ser decifrada que se revela por tentar  
esconder-se e como tal disposição o afeta e o faz retornar as suas primeiras  
relações.  
Mas quem de fato é o homem dos lobos? Seu nome é Sergei Konstantinovitch  
Pankejef, mas Freud inicia o relato de sua experiência com o homem do lobos  
falando sobre ter o cuidado de não expor demais o seu analisando por motivações  
éticas e tendo como objetivo sempre salvaguardar o espaço clínico, a relação de  
transferência construídodentro dessa clínica e o próprio sujeito que se expõe e se  
mostra na clínica psicanalítica. Mas algumas das informações do paciente, que  
inicialmente devem ter sido atentadas meticulosamente pelo analista, devem ser  
ressaltadas: O homem dos lobos era um jovem de mais de 20 anos quando  
procurou com Freud e a clínica psicanalítica. Nascido na Rússia, o que levou  
alguns desafios quanto a análise pois, sendo Freud austríaco e tendo o alemão  
como língua corrente, a estrutura e uso da linguagem do homem dos lobos eram  
estranhos a Freud e, muitas vezes, se mostravam como pedra angular do sintoma  
apresentado. Sua queixa inicial era que, desde uma crise de gonorreia  
desencadeada alguns anos antes, quando tinha apenas 19 anos, sentiu-se  
desmotivado a viver. Mesmo com a doença curada o analisando ainda não se  
sentia motivado. O paciente contava que os dez anos anteriores a doença, dos 9  
aos 19 anos, ele teria vivido de forma saudável, sem maiores problemas psíquicos  
ou físicos. Casos anteriores relatados que são anteriores a essas crise que se  
seguiram à afecção gonorréica, apontando para o período de sua tenra infância,  
temos o relato do paciente de uma zoofobia muito forte, um medo de lobos,  
principalmente os antropomorfizados, como nas fábulas antigas que o avô contava  
para ele. Zoofobia essa que sempre se relacionava, sendo trazido à tona a relação  
entre os dois por meio da análise, com um sonho que relatava o analisandodormindo em um berço quando, acometido por um mal súbito acorda-se e vê pela  
janela subitamente aberta violentamente por outrem que existe uma árvore com 6  
ou 7 lobos em seus galhos. Tais lobos se assemelham a raposas por terem rabos  
felpudos e a cães por suas orelhas levantadas. Os lobos olhavam Sergei com  
atenção e ser observado dessa forma trazia ao analisando uma sensação de  
angústia. Somente quando o paciente traz esses conteúdos pode-se, de fato,  
aprofundar-se no caso.  
  
Lobos em uma árvore: Cena primária e trauma no homem dos lobos.  
A cena primária é a cena fonte de todos os sintomas dos neuróticos, é de onde  
vem a certeza inequívoca de que a castração existe e que dela o sujeito também é  
suscetível Essa cena normalmente vem em dois momentos diferentes: no primeiro  
momento o sujeito se depara com a inegabilidade da diferença sexual.  
Principalmente para o menino, o encontro com a diferença sexual representa uma  
angústia de perder o que lhe foi dado, de ser castrado, e, a partir dessa angústia  
que o menino vai se posicionar na tríade mãe-pai-filho, ou, como Freud dizia,  
entrar no complexo de Édipo. Como que herdeiro desse complexo se apresenta a  
estrutura do supereu que tem como dupla função: tanto nos faz próximos de uma  
representação ideal quanto nos repreende e desencoraja a tentar alcançar essa  
perfeição ideal. Todo esse processo é pesaroso, mesmo que necessário na  
formação do sujeito, e acaba se esquadrinhando como oprimeiro conjunto de  
traumas da pessoa. Se distanciar de uma condição, mesmo que ilusória, de  
completude com o ser que representa a mãe ou esse cuidado maternal é muito  
penoso para o sujeito, mas é condição fundamental para seu desenvolvimento.  
Num segundo tempo, (segundo encontro com o sexual) quando, por meio de  
reinterpretação, retoma o conteúdo da primeira cena e, sob o medo da castração,  
recalca os conteúdos e os modifica de forma a que possibilite o sujeito a lidar de  
forma mais branda com essa diferenciação.  
O caso do homem dos lobos exemplifica bem como a cena primária pode permear  
todo o processo da análise sendo, normalmente, trazida à tona apenas quando se  
aproxima de seus últimos momentos. A cena primária se encontra no centro  
topográfico do sintoma, de onde emerge a forma de lidar com o mundo do sujeito.  
A criança que ainda se encontra numa organização psíquica muito arcaica, ainda  
muito atrelada aos movimentos pulsionais narcísicos, depara-se com o sexual em  
sua forma mais crua, a inevitabilidade da diferença sexual. Encontro esse que,  
principalmente para os homens, se torna, durante muito tempo, insustentável. O  
menino e a menina num momento inicial se perguntam se todos tem o falo, que  
num primeiro momento é representado pelo pênis. Só quando toma-se consciência  
de que nem todos tem o falo, que os sujeitos são diferenciados, podem se  
diferenciar da mãe, que no inicio era tido como parte do sujeito e fontede sua  
pretensa unicidade, o sujeito pode se desenvolver como pessoa. O encontro com o  
traumático da diferença sexual nos revela uma realidade que não estávamos  
preparados para lidar: a falta do falo. A falta que se impõe primeiramente na falta  
do pênis na mãe e suas derivações vai se refletir na forma que a criança vai lidar  
com o mundo. Frente a essa falta, a criança se posicionará a suprir ou não essa  
falta materna e atrelando-se a mãe ou não de forma mais ou menos fixa seja  
servindo como complemento a mãe para desmentir a falta, como no caso da  
perversão, ou como tomando a culpa pela falta, como no caso da neurose ou  
ainda foracluindo essa falta e sendo tomado pelo desejo da mãe, como no caso da  
psicose. O encontro com o traumático é penoso ao ser, mas é a pedra angular  
onde vai se fundar o sujeito.  
Temos bem claro, na escrita de Freud sobre o caso em questão, a definição dos  
dois momentos da cena primária no homem dos lobos: Primeiro, se seguirmos o  
  
tempo em que o analisando apresenta suas elucidações sobre o assunto, temos o  
sonho recorrente dos lobos em cima da árvore e sua zoofobia subjacente. A fobia,  
mesmo não sendo o primeiro fato na vida do sujeito que é relacionada ao sintomas  
apresentados, pode ser tomada como ponto de partida para nossa discussão, pois  
ela se configura como o ponto que amarra todo o resto dos acontecimentos. Não é  
por acaso que é o primeiro sintoma a ser trazido pelo analisando que irá,a partir  
das intervenções do analista, remontar toda a “pré-história” do sujeito desejante. A  
fobia por lobos é anunciada por um sonho: o paciente se encontra dormindo e  
acorda no sonho, as janelas se abrem, ele dorme de frente as janelas, e ao longe  
pode-se ver um grupo de lobos agrupados em uma árvore, um pinheiro no caso.  
As caudas dos lobos eram mais fofas que o normal e quando perguntado sobre a  
quantidade de lobos ele aponta que existiam seis ou sete. Os lobos não o atacam  
nem se mexem apenas o encaram e isso traz uma angústia muito grande ao  
paciente. Junto ao analista, o paciente vai desarticulando cada aspecto do sonho:  
1) o fato de se acordar de supetão e tal como a abertura das janelas é uma  
metáfora da abertura dos olhos, motivada por fatores externos; a imobilidade do  
grupo de lobos chama a atenção:  
2) se não havia a movimentação dos lobos em sentido de atacá-los por que então  
que a angústia toma o sujeito? O que na plácida observação dos lobos traz ao  
paciente que o toma de assalto? Só se o fato da imobilidade dos lobos apontarem  
para algo diferente daquilo que se mostra: que a imobilidade representada,  
principalmente, pelos lobos na árvore representem, como questionado e validado  
pelo analisando, na verdade seu oposto: uma movimentação brusca e rápida que  
em forma de defesa do eu foi representado por seu oposto.  
3) Se esse aspecto da imobilidade teria sido representada em oposto, que outros  
elementos nãoestariam representados da mesma forma?  
4) A árvore que aparece nos sonho se mostra de forma específica: é um pinheiro.  
A especificidade da árvore demarca uma pista que é trazida do próprio analisando:  
não se trata de uma árvore qualquer, é uma árvore de natal.  
Cabe, agora, fazermos um parênteses e darmos algumas explicações sobre o  
paciente: seu aniversário é no dia de natal e em todos os anos, no dia de natal, o  
paciente recebia dois presentes. E no ano em que completa 4 anos e algum tempo  
após de ter tido o sonho que se transformaria em fobia houve uma queixa muito  
grande sobre os presentes que ele havia recebido no natal, algo que era inédito  
para ele. A partir desse acontecimento ele passou de uma criança ordeira e bem  
educada para uma mais agressiva e pouco temente as leis, mas discutiremos isso  
a seguir.  
Continuando com a temática do sonho do paciente temos já a ideia de ser uma  
árvore de natal, o que nos traz a ideia de que o que o sonho esteja se remete  
aconteceu num dia de aniversário dele ou próximo ao tempo de natal. Agora sobre  
o fato de serem lobos: em primeiro lugar a quantidade não é aleatória, sete lobos  
são retirados de uma lenda que seu pai contava ao paciente quando criança, a  
historia do lobo e do alfaiate. Essa é a história de um alfaiate que por descuido  
corta a cauda de um lobo que o persegue até que o alfaiate sobe em um a árvore.  
O lobo com a cauda cortada chama mais 6 lobos para que eles possam,montando  
uns nos outros, alcançar o alfaiate. Como o lobo que foi cortado o rabo era o mais  
  
velho e o mais forte foi ele que ficou na base e quando o alfaiate viu o que os lobos  
queriam com tudo aquilo, ele gritou ao lobo de baixo sobre seu rabo e o lobo fugiu  
em vergonha, desfazendo a torre que iria atacar o alfaiate. Então por que os lobos  
nessa quantidade? Seis eram a alcatéia que foi chamada pelo lobo “castrado” e  
sete era a alcatéia com o lobo castrado. A questão da castração do rabo é tão forte  
que vem em excesso no sonho como uma compensação: os lobos todos tem  
rabos muito felpudos. O lobo em si representava tanto o medo de ser castrado  
pelo pai, quanto a ideia que o pai poderia agir como os lobos das fábulas e comêlo, tomá-lo para si. E trazendo à tona a questão do lobo pra uma ótica mais  
próxima temos a questão da fobia se um tanto específica quanto a imagem que  
despertava pavor no sujeito desejante: era uma ilustração dessa mesma lenda que  
foi contada pelo pai em que aparece um lobo andando em uma posição ereta. O  
fato de estar em uma posição “humana” o apavorava pois aproximava mais a ideia  
do pai poder consumi-lo, e junto com a ideia de que o pai, quando filho era menor,  
brincava com ele dizendo que iria comê-lo só o fez se aproximar mais e mais a  
representação do lobo com a representação do lobo que iria consumir seu corpo e  
usar dele. Então para não ser consumido o paciente decide então se afastar dessapulsão dirigida ao pai. Outro, e talvez mais importante, aspecto desse sonho é que  
remonta a cena primária do paciente em que o filho com apenas um ano e meio e  
sofrendo de malária, que mesmo em seu corpo era colocado como um  
componente estranho e externo que o fez acordar, o paciente presencia uma cena  
de coito dos pais em que eles estão a tergo, ou na posição bestial.  
Herdeiro dos lobos: Estruturas superegóicas como proteção do aparelho psíquico.  
Como já dito, Freud define o Supereu como o herdeiro do complexo de Édipo,  
como aquilo que vem quando é instaurada a Lei do pai em detrimento a imaginária  
relação de completude com a mãe. O supereu seria uma instancia de regulação do  
aparelho psíquico responsável, primeiramente, pela regulação dos conteúdos  
recalcados e controle do fluxo energético do inconsciente a consciência(Freud, o  
inconsciente, 1915).  
No sonho apresentado pelo analisando temos uma clara demonstração da ação  
superegóica como uma forma de proteção do sujeito desejante. O primeiro aspecto  
trazido à tona que pode ser considerado e que permeia toda a representação do  
sonho é o fato do deslocamento do sujeito de sujeito que faz a ação para sujeito  
que sofre a ação possivelmente retirando o peso da culpa de ter procurado  
ativamente saber o que se passava com os pais e, em tese, se deparar com uma  
visão que lhe provocasse uma tomada de consciência de algo tão forte como a  
ideia da diferença sexual.  
Como outrocomponente temos a modificação de significantes do sonho que se  
ligam diretamente ao conteúdo da cena primária: os lobos. A própria  
representação do lobo, redirecionada dos contos infantis que o avô contava  
quando criança, é um desvio dessa imagem paterna passível de consumição do  
sujeito assim como pode consumir a mãe, que deveria ser completa e inabalável.  
O corpo do lobo também sofre modificações que defendem o sujeito de sua própria  
possível castração: suas caudas, que no conto original o lobo alfa da matilha havia  
  
sido castrado de sua cauda, aparecem felpudas e grandes como de raposas  
tentando equalizar a falta proeminente do sujeito exacerbando o que foi retirado e  
prevenindo a perda.  
Contrapondo alguns escrito que colocam o supereu como apenas algoz do eu e  
interpolação do externo ao sujeito com a realidade interna, podemos relatar que a  
ação do supereu também visa uma proteção do eu que, quanto mais forte; mais  
exacerbada, possibilita, por meio de uma relação de revela por meio de tentar  
esconder portanto da resistência a alguns conteúdos, a ação da psicanalise.  
Para entender o caso de uma forma mais coesa vamos retornar a primeira infância  
do paciente e, daí, seguir conforme a linha de tempo conforme os sintomas vão se  
apresentando na vida do paciente e fazendo as ressalvas temporais necessárias.  
Lembrando que essa é uma forma de organizar o caso, mas não a única. O autor  
mesmo decidiu-se por usar os fatos quese emergem como o analisando os trouxe,  
se importando mais com a ordem das emersões do que mesmo a ordem  
cronológica.  
A mãe e a repetição de objeto: as mulheres do homem  
Sobre a repetição, Freud (Recordar, repetir, elaborar, 1914) nos fala que o  
analisando, muitas vezes, não esta consciente de que repete algumas situações.  
Mesmo pode vir a notar a repetição e sofrer com a mesma, mas não mas não a  
reconhece como sua. A este estado Freud nos diz que é próximo ao estado  
hipnótico, pois lida com algumas emersões do inconsciente sem trazê-lo à tona,  
sobre esse estado:  
“..., é lícito afirmar que o analisando não recorda absolutamente o que foi  
esquecido e reprimido, mas sim o atua. Ele não o reproduz como lembrança, mas  
como ato, ele o repete, naturalmente sem saber que o faz.”(FREUD, 1914, pagina  
149)  
E, seguindo nesse mesmo escrito, Freud(1914) nos diz que mesmo as pulsões  
que mais sofrem resistências são as que mais decaem para essa atuação sem  
consciência. Com essas considerações como guia, voltemos ao texto.  
Deparamo-nos, então, com uma reflexão interessante: onde esta a representação  
da mãe? Até agora, e por todo relato do paciente, temos uma grande referência ao  
pai como esse grande castrador que engolirá se o paciente não desistir de sua  
pulsão homossexual dirigida ao pai e lutar para se tornar como ele. A mãe tem, no  
discurso do paciente, dois momentos de influência direta em sua vida: um aos 3  
anos e 3 meses, que serámais ilustrativo nesse momento e outro muito posterior  
ao caso de zoofobia que será um desdobramento do da primeira infância: quando  
o paciente ainda estava na primeira infância, um período ainda entre a cena  
primária e o sonho em que ele estava em plena pesquisa sexual, a mãe lhe leva  
para ver um médico pois ela, a mãe, sofria de muita cólicas e no caminho ela teria  
dito que não poderia viver dessa forma. Essa questão de como poderia viver dessa  
forma e as dores abdominais o influenciaram tão fortemente que ele formulou uma  
teoria sobre o nascimentos dos bebês por um tipo de cloaca: como se o reto  
pudesse dar a luz a um filho. Com o choque traumático do sonho, compreendendo  
  
que as genitálias do homem e da mulher são, de fato diferentes, e com toda carga  
emocional e se deparando com a castração, mesmo assim, como uma forma de  
proteção narcísica, ele não larga a ideia de que pode dar um filho-fezes ao pai pelo  
reto. Essa representação, ao passar do tempo, se modifica, mas nunca é de fato  
esquecida.  
O outro momento em que a mãe ganha um papel de destaque na vida do paciente  
é quando ele reclama a mãe o uso do dinheiro, que é um substitutivo do filho-fezes  
do e para o pai, dizendo que ela não o amava e não cuidava dele. Esse reclame  
do filho não nascido para a mãe é tão somente o reclame do filho que ele não  
pode dar ao pai e que ela poderia, a qualquer minuto, substitui-lo.  
Concorrente a todas essas representações temosas relações do pacientes com as  
mulheres que viriam a ser um tipo de base de como lida com as mulheres de ali  
em diante, temos em ordem: Groucha, Nânia, a governanta inglesa e sua irmã.  
Groucha foi sua primeira babá e, de certa forma, seu primeiro amor depois da  
mãe. Foi com ela que o paciente teve sua primeira excitação, quando nem mesmo  
ele sabia o que isso ainda representava: Groucha estava lavando o chão com um  
balde e uma escovinha numa posição parecida com a que sua mãe estava no  
momento em que ele a observou no coito com seu pai. Vendo essa cena ele teve  
uma vontade muito grande de mijar-se e acabou fazendo no mesmo chão que sua  
babá estava limpando, esta reagiu de forma a reiterar a ideia da castração dizendo  
que cortaria seu pênis se fizesse de novo. De certa forma esse acontecimento  
acabou por definir sua indefinição frente ao desejo: a excitação que o fazia sentir  
ativo, próximo ao pai, viria sempre com a lembrança de uma passividade possível.  
Sua atividade como homem viria sempre com o risco da castração. Esse risco o  
marcou tanto que uma das fobias, fora a dos lobos que já foi discutida, era de uma  
borboleta que apresentava faixas pretas e amarelas. Só com muitas  
representações que o paciente pode então juntar o significante da borboleta com a  
Groucha, cujo o nome vem de uma pera que apresenta as mesmas faixas. Outro  
fator decisivo de sua vida trazido por esse episodio foi sua escolha objetal de  
amor: elesempre escolhia mulheres camponesas de poder muito abaixo do dele,  
com as ancas largas e ele só encontraria o prazer simulando a mesmo posição  
que ele viu os pais.  
A relação com as três últimas foram mais lidadas de uma forma mais consciente,  
por serem após o sonho e o paciente já ter conseguido elaborar alguns dos  
conteúdos apresentados. Nânia, de certa forma, herdou o posicionamento de  
Groucha, isso pode ser visto na confusão inicial que o paciente fazia quando  
lembrava de uma das duas quando afirmava, primeiramente que Groucha não  
existia, talvez como uma forma também de se proteger de todo as representações  
que vinham com a primeira babá, e em um segundo momento trocando uma pela  
outra. Mas Nânia, ao contrário de Groucha, incitava não só a ação do analisando,  
mas também de sua irmã que em sua própria pesquisa sexual usa o que,  
aparentemente, observava com Nânia fazendo com os homens da casa e testava  
fazer o mesmo com seu irmão. Tal relação, tanto com a irmã quanto com Nânia  
marca profundamente o analisando, pois de novo temos aqui a dicotomia  
passividade/atividade influenciando de uma forma, em um certo grau, destrutiva,  
pois temos a irmã muitas vezes violentando o irmão e culpando a Nânia dessa  
  
violência dizendo que a babá costumeiramente fazia coisas como pegar no pênis  
dos homens da casa que, não o pai, e ficando de cabeça pra baixo. O paciente  
mostrava que queria culpar Nânia e a irmã pela violência, mas, aomesmo tempo  
aceitava tal invasão e chegou a pedi-la por algum tempo pra irmã. Inclusive tal  
manejo com a violência acabou se direcionando para duas saídas: a  
transformações masoquistas-anais em sádicos-orais no momento de seus quatro  
anos, talvez causando a transformação da “criança ordeira” para a “criança  
problema” que os pais criticaram e colocaram casa a fora a governanta inglesa  
pensando que ela fosse causa dessa mudança e, bem mais tarde, as lavagens  
intestinais que retirava o “véu” que se punha entre o paciente e o mundo, véu esse  
que remonta a condição de como foi o nascimento do paciente, que nasceu  
encoberto com uma fina camada de pelica. A governanta inglesa serviu, apenas  
como barra entre o paciente e Nânia, fazendo ele confessar seu amor a ela  
quando a governanta estava xingando e brigando com a babá.  
Com o tempo e a proximidade, a babá foi aos poucos “doutrinando” o garoto  
usando-se da religião Nânia conseguiu acalmar o paciente e de certa forma trazer  
de forma o menino ordeiro que ele um dia foi, mas com muito mais rituais de cunho  
religioso: toda noite o menino, de agora, 5 anos e meio tinha que todas as noites  
antes de dormir dar uma série de voltas ao redor dos santos e beijar-lhes os pés. A  
proximidade com a religião também o fez questionar muito a posição dúbia de  
Deus, que tanto queria maltratar seu filho quando cuidar dele. O paciente se via  
muito na figura de Cristo, como um filho atormentado de umpai dúbio, que varia  
de ódio e amor numa única via crucies. Foi também nessa nova fase religiosa e  
com essas identificações que o paciente traz algumas situações que lhe deram  
muita angustia como no caso do Deus-fezes, quando em um passeio com a mãe  
vira 3 montinhos de fezes de cavalo e não conseguia não pensar sobre a  
santíssima trindade, ou quando relacionou a ideia de Deus com os porcos quando  
pensou na passagem bíblica de como os Jesus teria pegado espíritos ruins e  
jogado aos porcos que se jogaram de um penhasco. O paciente, de novo  
relacionado com a imagem de Cristo, viu-se podendo enviar sua irmã, que para ele  
era claramente um espírito ruim, para a carne de um porco e fazê-la se jogar de  
um penhasco. Será que ele estava tentando se proteger de sua irmã apenas ou de  
toda sorte de mulheres que invadiram sua vida? Era de sua irmã ou do feminino  
como um todo que o paciente se defendia?  
Defender-se parecia ser a palavra de ordem do paciente, mas como defender-se  
de algo se não se aprisiona a rede lógica da razão e se engrandece e, de tempos  
em tempo, nos toma o corpo de assalto? O paciente quando se liga ao significante  
de Deus, buscando no pai antes totêmico e agora, vindo da mesma fonte(Freud  
1918); mas de relação totalmente diferente. O paciente se colocava em certos  
rituais específicos antes de se livrar de alguns comportamentos danosos que se  
relacionavam a significantes específicos: como da vez que, querendo selivrar do  
comportamento de matar pequenos animais, organizou uma última grande  
matança e nunca mais retornou a matar animais. Esse ritual de exacerbação de  
um significante antes de deixá-lo de uma vez o seguiu por toda a vida. Mas um  
desses significantes foi mais difícil de se livrar que as outros: o significante que  
representava a falência do próprio Falo. Quando limpando o estábulo da velha  
  
propriedade em que morava, a situação econômica da família ia muito ruim por  
causa da doença de seu pai, ele viu o seu dedo mindinho da mão ser decepado e  
ficar pendurado apenas pela pele. Ficou algum tempo em choque com a imagem e  
nem conseguiu chamar a Nânia, mesmo podendo vê-la. A experiência foi  
angustiante e talvez tenha representado a falência do falo do pai, acometido pela  
doença e a própria impossibilidade sentida pelo paciente nessa situação.  
Com o agravamento da situação do pai do paciente, a família, que tinha duas  
propriedades, se vê obrigada a vender uma e se mudar para a outra. E com a  
mudança veio também o professor alemão que viria a ser um substituto ao pai.  
Esse professor era aficionado por guerras e militarismo e de pouco em pouco o  
paciente passa da religiosidade da mãe e da Nânia para a lei militar do professor.  
E em um sonho icônico ele muda sua fobia de lobo, totem do pai agora moribundo,  
para o leão, totem do professor.  
Antes da morte do pai, o paciente ainda o visita uma vez e o encontra em situaçãodeplorável, com dificuldade de respirar. É a morte da possibilidade de alguma  
retomada da lei do pai biológico sobre o paciente. Ao contrário, o paciente  
desenvolve uma repulsa aos mendigos que de alguma forma lembrem o pai.  
Associando a respiração com o ato de separar-se do pai ele adquiri um novo ritual  
de expirar ou inspirar ruidosamente ao ver um mendigo e não respirar até que  
tenha passado dele.  
Com o tempo, o paciente foi primeiro se aproximando de sua irmã na  
adolescência, mas com a maturidade a distância se fez entre os dois. Quando sua  
irmã faleceu, não se permitiu ficar feliz ou triste, mas em seu íntimo estava feliz por  
ter se livrado de uma divisão nas finanças que seu pai tinha deixado. Somente  
meses depois que o paciente se deixou levar pelo sentimento de luto de sua irmã.  
Não pela imagem de sua irmã, mas por um poeta que a lhe representava. A irmã  
fazia, quando o pai era vivo poesias que o pai comparava ao do poeta. O paciente  
foi, levado por um intenso sentimento de luto, para o mausoléu do poeta e chorou  
sua morte, mesmo o poeta ter morrido a quase um século antes. A relação entre o  
poeta e a irmã foi desmascarada exatamente em um ato falho recorrente do  
paciente em que ele dizia que a irmã havia se matado com um tiro, o que na  
verdade ela usou um veneno e o poeta que morreu em um duelo de  
armas(FREUD, 1918).  
Das mulheres ao gozo: A dor do homem dos lobos.  
Como introdução a discussão do gozo no homem dos lobosde Freud(1918) é  
fortuito que nos detemos num reflexão como a ideia de gozo e repetição se  
entrelaçam. Freud em seu escrito “Alem do princípio de prazer”(1920) esquadrinha  
o que viria ser posteriormente definido por Lacan como gozo, inicialmente no  
seminário 7 “A ética da psicanalise”(1959-60) e mais profundamente no seminário  
20 “Mais, ainda”(1972-73). O autor da psicanalise nos traz em seu escrito que, ao  
contrário do que acreditava, não é o desejo de satisfação que nos guia, mas sim  
uma pulsão que nos devora e atormenta, que se dá quando a satisfação tende a  
se dar em seu extremo em que o corpo, fatigado por suportar tanta energia  
liberada começa por não mais sentir o prazer que havia sentido, mas uma dor que  
  
aponta a morte do sujeito que a sente, por isso pulsão de morte. Por definição,  
então, sem uma lei que barre o livre fluxo da pulsão por satisfação inserida, de  
forma estrutural, no momento denominado por Freud de complexo de Édipo toda  
pulsão é uma pulsão de morte. O aparelho psíquico tenderia a se estabilizar em  
sua inércia o que acometeria, psíquica ou fisicamente, na morte do sujeito. Lacan  
foi mais a fundo no conceito de gozo, definido como gozo por ele mesmo  
utilizando-se do significado jurídico para o termo. Usou-se do gozo jurídico, termo  
relacionado ao usufruto nos termos da lei, para relacionar as disparidades do fazer  
a que esse termo se remete sendo ele, o gozo, tanto uma forma útil ao  
inconscientesinalizando, por meio da repetição que o assinala, o conteúdo  
recalcado e remetendo ao gozo, agora por forma do gozar que direciona ao de  
trazer uma satisfação, desse mesmo conteúdo. Tal conteúdo apontaria para uma  
falta primordial que define o ser com partido, o objeto a . Esse falta que se  
encontra no centro do sujeito assujeitado ao inconsciente seria tido tanto como  
objetivo imaginário, pois quando alcançado tornaria o sujeito completo, quanto  
como uma repulsa, pois como descendente da pulsão de morte iria causar a total  
inércia do sujeito, o desejo seria sanado e não haveria mais o que desejar.  
No relato do caso homem dos lobos podemos perceber em alguns momentos  
nuances que nos apontam possíveis correlações com os conceitos de pulsão de  
morte, demonstrado por Freud, e de gozo, de Lacan. Detetemo-nos naquelas que  
mais nos aprofundamos: o sonho que remete a cena primária do paciente e a  
escolha objetal de amor, a Groucha e as mulheres que se sucederam. Diante do já  
apresentado sobre o assunto, elucidaremos apenas os pontos mais marcantes de  
cada recorte, trazendo à tona o que mais se destaca e relacionando com os  
conceitos.  
No sonho sintomático temos primeiramente a repetição da cena primária origem de  
todo sintoma apresentado pelo sujeito o que já nos aponta uma correlação do  
sintoma com o traumático. A repetição nunca se configura como uma reprodução,  
não é para o sujeito como uma retomada a uma experienciaanterior, mas age  
como uma reformulação que indica um conteúdo passado. Como no caso do  
homem dos lobos em que o sonho não se mostra como um reencenamento da  
cena primária, mas uma nova situação que tanto revela quanto oculta suas  
ligações com o processo jogando com significantes da cena para se tornar ao  
sujeito uma visão sustentável: o que era observado agora observa, o que foi  
gradual se torna de súbito, o que era ativo no sonho se torna passivo. Mas, mesmo  
se formando o conteúdo inconsciente anseia representação mesmo que  
abrandada, o que se revela-esconde no sonho do homem dos lobos ainda o causa  
angustia e aponta para seu objeto caído, a possibilidade de despojar como a mãe  
do pai e dar a ele um filho que o completaria e em contrapartida essa posição  
aniquilaria sua possibilidade como homem.  
No caso das mulheres do homem dos lobos temos bem explicito, mesmo pelo  
analisando a repetição que se figura. No relato Freud(1918) descreve que a  
tomada de consciência de tal repetição parte do analisando no momento do  
setting, quando retoma a cena descoberta do sexual com Nânia e como esta  
definiu seu primeiro objeto de amor que se repete por toda sua vida. Tal  
posicionamento do gozo nos mostra sua questão também com o feminino, como,  
  
mesmo com o encontro traumático com o sexual, o paciente ainda se dirige seu  
desejo ao feminino que cuida, que está próximo.  
Do inconsciente ao papel: o homem dos lobos e a escrita clínica  
Faz-senecessário a discussão sobre a forma de apreensão da experiência da  
clinica por meio da escrita do caso clínico. Na psicanálise temos como ponto  
central a emersão das representações do campo inconsciente sendo  
representadas pelo desejo do sujeito, dentro da escrita do caso clínico o ponto  
central não poderia, então, ser outro que não o desejo do analisando. Seria  
impraticável e um tanto perigoso pra pratica psicanalítica que se devesse reproduz  
tal qual o discurso do analisando se mostra na clínica pela escrita: tanto se  
perderia muito pela parte do analista quanto da emersão do desejo do  
analisando(Freud,1918). Sem falar que tal forma de apreensão iria contra a regra  
áurea do setting psicanalítico que é o estado de associação livre que o analisando  
tem de estar para que possa haver um mínimo de transferência e a emersão dos  
conteúdos inconscientes. E como a apreensão do caso clínico dessa forma,  
reprodutível e visa apenas a consciência, não se pauta sob a lógica do  
inconsciente tal forma de relato seria impraticável para nossos fins. O escrito seria  
muito longo e muito pouco acessível quanto ao conteúdo. Por isso se é  
normalmente feito com os principais significantes apresentados pelo próprio  
analisando que traz de seu desejo o que puder, mantendo-se ,assim, a ética que  
move a psicanalise, a ética do inconsciente.  
Não posso escrever a história de meu paciente em termos puramente históricos  
nem puramente pragmáticos. Nãoposso oferecer uma história do tratamento nem  
da doença; vejo-me obrigado a combinar os dois modos de apresentação. Sabe-se  
que ainda não se achou um meio de transmitir no relato da análise, de alguma  
forma que seja, a convicção que dela resulta. Protocolos exaustivos do que  
acontece nas sessões não serviriam pra nada, certamente; e a técnica do  
tratamento já exclui sua confecção. Logo, analises como esta não são publicadas  
para despertar convicção nos que exibiram descaso ou descrença. Esperamos  
apenas transmitir algo de novo aos pesquisadores que já adquiriram convicções  
por experiências própria com os doentes. (FREUD, 1918, pag 20-21)  
Ter como centro o inconsciente do sujeito que é tomado pela angustia muda não  
só a forma como lidar com o sujeito e seus conteúdos, mas também como relatar  
tais experiências. Como já dito uma reprodução do que foi dito na clínica não  
supre, de forma alguma, o objetivo proposto pela psicanálise. É preciso que o  
sujeito que escreve não só aponte fatos, mas se envolva na escrita de forma  
análoga ao envolvimento do analisando com o a analise. É preciso, muitas vezes,  
dar-se ao texto de forma a tentar preencher as lacunas que as questões  
levantadas nos trazem, mas sempre tendo como perspectiva que tais lacunas  
nunca serão totalmente preenchidas.  
E é por isso que se faz necessário entrar em contato com escritos de outros  
autores: não para que eles sejam usados como nortes absolutos ou verdadefechada sobre o assunto, mas como fonte inquietações e novos questionamentos.  
Tais produções escritas, mesmo não servindo como nortes absolutos, possibilitam,  
  
em sua discussão, a produção de novos escritos e novas visões sobre o conteúdo.  
Dessa relação de entrar em contato com os escritos e com os conteúdos próprios  
do sujeito que se propõe em trilhar o caminho tortuoso da psicanálise que nasce a  
teoria psicanalítica. Não lidando com a verdade, mas com a perspectivas de  
verdades de cada sujeito, seja esse sujeito o de quem se fala ou o que está  
falando. O sujeito, esse assujeitado pelo inconsciente, está em todas as linhas do  
escritos de base psicanalítica.  
  
Conclusão.  
Quando se tem a lógica do inconsciente como guia não se espera fechar um  
pensamento, mas poder possibilitar novas reflexões frente ao que foi apresentado.  
Trazendo à tona as questões referente ao caso homem dos lobos podemos  
discutir como conceitos de supereu, repetição e gozo se entrelaçam utilizando-se  
do famoso caso do homem dos lobos de Freud(1918) como plano de fundo e  
história principal de nossa discussão.  
Dando continuidade a nossa narrativa: Depois das elucidações pela analise,  
Freud(1918) determinou a alta do analisando, meses antes da grande guerra  
começar. Ele, talvez sobre ainda influência de seu professor alemão, foi direto a  
guerra e o analista não soube mais seu paradeiro. As questões levantadas pelo  
caso do homem dos lobos são de vitalimportância pois nos põe novas questões:  
como por exemplo a questão do diagnostico proposto por Freud e o do proposto  
por Lacan: como um homem que se defende da feminilidade, o que todos nós  
fazemos até certo ponto, mas também se defende da masculinidade que quer  
engoli-lo pode ser considerado neurótico obsessivo compulsivo? E podemos dizer  
que o paciente entrou de fato com uma lei masculina antes do seu professor  
alemão? O que pode-se dizer sobre o que é masculino no pai do paciente? Ou o  
que é de Lei do Pai em seu discurso? Reflexões pra um futuro próximo.  
  
Referencias.  
FREUD, Sigmund. História de uma neurose infantil (" o homem dos lobos"). Trad.  
DE SOUZA, Paulo César. In: Obras Completas, vol. 14, São Paulo: Companhia  
das Letras, 2010.  
FREUD, Sigmund. Comunicação de um caso de paranoia que contradiz a teoria  
psicanalítica . Trad. DE SOUZA, Paulo César. In: Obras Completas, vol. 12, São  
Paulo: Companhia das Letras, 2010.  
FREUD, Sigmund. O Inconsciente . Trad. DE SOUZA, Paulo César. In: Obras  
Completas, vol. 12, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.  
FREUD, Sigmund. Recordar, Repetir e elaborar. Trad. DE SOUZA, Paulo César.  
In: Obras Completas vol. 10, São Paulo: Companhia das Letras, 2010  
LACAN, Jaques.. O Seminário, livro 20: mais, ainda (2ª edição revista). Editora  
Zahar, Rio de Janeiro, 1985.  
LACAN, Jaques. O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise. Editora Zahar, Rio de  
Janeiro, 1997.